

Entrevista com a professora Rita de Souza Leal:

“A Extensão foi um oásis dentro da Universidade, que eu ajudei a construir.”

Camila da Conceição Mendes Costa¹

Lorena Gonçalves Cardoso²

Especialista em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, graduada em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Teófilo Otoni, a professora Rita Leal possui ampla experiência na área da educação, com ênfase em avaliação de sistema, instituições, planos e programas educacionais. Membro fundador do Instituto da Criança e do Adolescente (ICA), da Pró-reitoria de Extensão da PUC Minas (PROEX), na qual foi Assessora Acadêmica por dez anos, período em que trabalhou incansavelmente pela consolidação da extensão acadêmica.

A professora Rita de Souza Leal concedeu - nos a seguinte entrevista:

CONECTE-SE! - Antes de trabalhar na Extensão, como Assistente Social, a senhora atuou em diversos órgãos e instituições. Conte-nos um pouco desse trabalho e os desafios que representou, bem como aprendizagens que tirou dessa atuação.

RITA LEAL - Com 15 anos, junto com algumas colegas eu criei, com um grupo, uma espécie de ONG, chamada “Trabalhar Efetuando o Bem Social” (TEBS), com Estatuto e tudo; fazíamos trabalhos em escolas carentes. Eu acho que sempre foi uma coisa bem dentro de mim, a vida inteira, e fui encontrando pessoas com o mesmo ideal. Eu não gosto da caridade pela caridade, isso não faz nada. Então, o trabalho com criança e adolescente sempre esteve muito presente como objeto de conhecimento e de formulação de política pública. Um tema que sempre me incomodou muito foi o trabalho infantil. Ainda mais depois que eu tive filhos, ficou mais forte. Porque meu filho não precisava, mas a desigualdade era gritante.

Fiz Letras e passei a dar aulas em várias escolas. Em Teófilo Otoni eu trabalhei em duas escolas: uma na rede particular, mais cara, bem conceituada, e na Escola Nossa Senhora dos Pobres, eu quis

¹ Graduada em Comunicação Social com ênfase em Relações Públicas pela PUC Minas. Funcionária da Coordenação Setorial de Produção Acadêmica e Publicação da Pró-reitoria de Extensão. E-mail: camila2801@gmail.com.

² Graduada em Psicologia pela PUC Minas. Estagiária da Coordenação de Produção Acadêmica e Publicação da Pró-reitoria de Extensão. E-mail: llorenacardoso09@gmail.com.

isso de propósito. Depois, trabalhei numa escola modelo, o Centro Educacional de João Monlevade, em cuja criação e fundação, junto com o prefeito e uma equipe de colegas, ajudei. Lembro-me de que trabalhamos muito com os operários da Belgo Mineira, no turno da noite. Com 25 anos, eu já coordenava a escola noturna.

Quando eu vim para Belo Horizonte comecei a trabalhar no Hospital das Clínicas, que tinha um ensino especial. Trabalhava muito com os doentes que ficavam três, quatro meses no interior. Com o passar do tempo, passei a querer mais; queria trabalhar com as pessoas, com as comunidades, com as desigualdades sociais. Mas nunca abandonei as escolas. Recordo-me que a turma da noite era basicamente composta por meninos de dez, onze anos que trabalhavam como trocadores, geralmente eles dormiam na sala de aula, e as diretoras não entendiam isso; boa parte dos professores também não, e isso me incomodava muito. Eu não queria apenas dar aula no ensino noturno, regular, precisava fazer alguma coisa.

Foi então que decidi prestar vestibular para Serviço Social. Comecei a estudar e em pouco tempo eu consegui trabalhar / estagiar no Serviço Social Autônomo (SERVAS), que era presidido pelas mulheres de governadores, um órgão sem fins lucrativos, instituição filantrópica ligada ao Palácio da Liberdade, que lidava com creches. Então, em 1979, a Organização Mundial para a Educação Pré-Escolar (OMEP) preocupou-se em realmente trabalhar com as crianças, e com a educação infantil. O SERVAS, na época, tinha cinco creches, onde as crianças ficavam durante o dia para as mães trabalharem, em sua maioria, como domésticas; mas podemos dizer que se tratava de um depósito de crianças, pois não existia um trabalho educativo. Era presidido pela dona Latife, mulher de Francelino Pereira, formada na PUC Minas em Serviço Social, que tinha uma sensibilidade para os problemas sociais. Ela convidou duas assistentes sociais aposentadas da Legião Brasileira de Assistência (LBA), que possuíam um conhecimento mais científico da assistência e do social, e nesse período iniciamos os planejamentos e os cuidados. A Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) é semente dessas lutas pró-creches.

E isso então veio ao encontro dos meus anseios e eu disse: “Olha, eu quero trabalhar mesmo é nisso”. Trabalhar com as crianças e suas famílias e os funcionários dessas creches. Havia autonomia para criar. Logo que me formei, fui convidada a dar aulas na PUC e em seguida passei a supervisionar os estágios. Na mesma época, ingressei na coordenação de todas as creches do SERVAS. Podemos dizer que já era extensionista mesmo antes de entrar na Universidade.

CONECTE-SE! - Como a senhora se envolveu com a Extensão Universitária?

RITA LEAL - A minha história se confunde com a Extensão. Eu não gosto que fale só a palavra extensão, mas “Extensão Universitária”. A gente tem que qualificar! Meu envolvimento na Extensão Universitária mistura-se com a minha entrada na Universidade, até porque trazia comigo todo um trabalho voltado para essa relação professor-comunidade-aluno. Eu tenho um amigo que, em certa ocasião, me apresentou assim: “Essa professora aí é uma transformadora”; foram as palavras que ele usou. Assim comecei a pensar; realmente, eu nunca me conformei, vejo as possibilidades e quero ousar, sonhar, brigar pelas coisas em que acredito. Durante a graduação em Serviço Social, eu já trabalhava no SERVAS e logo que me formei já comecei a dar aulas, orientar monografia. Recebi o convite para entrar para o colegiado do curso, em seguida comecei a coordenar o estágio, o que foi muito bom, porque acredito que a Universidade não pode ficar na sua endogenia. Ela precisa ir além-muros, e o estágio era ótima oportunidade e devia ser aproveitada, pois ele é uma ponte preferencial para fazer Extensão.

A Extensão se fez presente junto com a coordenação de estágio. Embora às vezes a palavra Extensão não aparecesse, mas a ação, os atos, as atitudes, eram todas no sentido de fazer a Universidade chegar à comunidade, e a sociedade chegar à Universidade, não só na relação aluno-professor, mas numa relação mais ampliada. Alguns alunos faziam estágio nos projetos da Extensão, e assim fomos nos aproximando da PROEX. Agora, o marco oficial da minha entrada no prédio 30, ou seja, na Pró-Reitoria, foi com o trabalho no Projeto Universidade Solidária.

Em 1995, a primeira dama, Ruth Cardoso, criou o Projeto Universidade Solidária dentro do programa Comunidade Solidária, o que possibilitou a revalorização da Extensão Universitária. O Pró-reitor de Extensão na época, Professor Bonifácio Teixeira, me convidou para participar e aceitei. Em 1996, fomos para a cidade de Itagibá / BA nas férias, por 21 dias. O Comunidade Solidária organizava a cidade para nos receber, e a Universidade preparava / treinava os alunos de diversos cursos – Comunicação, Direito, Enfermagem, Psicologia, Biologia, entre outros –, para fazer o trabalho, nada tão pontual como foi na época do Projeto Rondon. Era mais um trabalho de empoderamento, de cidadania, para fazer com que a cidade acordasse para as suas necessidades, de

ver as possibilidades da população, instigar a criação de movimentos sociais, entre outras coisas. São muitas histórias dessa experiência – e, para fazer isso, é preciso ter paixão – temos isso registrado em um filme³.

Então, com isso, acho que me firmei na PROEX, porque o trabalho foi muito bom, e não fui eu que julguei: nossa equipe ganhou um prêmio nacional, o melhor trabalho do Brasil. Foi julgado pelo Ministério da Educação (MEC), pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Tecnológico e Científico (CNPq) e o Ministério da Defesa. Tinha até um prêmio em dinheiro, lembro-me de questionar isso, critiquei. Depois mudaram o prêmio, foi uma excursão de navio com alunos e professores; aí critiquei também. Porque a gente foi para a cidade, e a continuidade do trabalho? Eles ficariam desamparados? Em 1997, professor Bonifácio pediu para eu participar novamente do Universidade Solidária, desta vez, fomos para Baianópolis / BA. A PUC foi convidada para participar da avaliação do projeto nacional em São Paulo, era a chance de falar sobre o relatório; de reproduzir o vídeo maravilhoso que fizemos. Posteriormente, a professora Mônica Abranches deu continuidade a essas ações, criando vários projetos similares ao Universidade Solidária.

A partir de uma demanda da Organização das Nações Unidas para a Educação, a ciência e a Cultura (UNESCO), o departamento de Ciências Sociais desenvolveu um seminário para divulgar o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o que incentivou a criação do Instituto da Criança e do Adolescente que, posteriormente, foi alocado na PROEX. Desenvolvemos vários trabalhos até que, em 2003, o Professor Wanderley Chieppe, pró-reitor da PUC Minas em Arcos, me convidou para ir para lá trabalhar com a Extensão.

A PUC Arcos precisava de uma reformulação, embora o meu trabalho no ICA ainda não tivesse terminado. Surgiu a oportunidade de voar e eu a agarrei. Lá existia apenas um projeto em andamento, com um professor, e apesar de toda a boa vontade dele, um projeto não sustenta a Extensão. Era preciso introduzir a Universidade na cidade. O pró-reitor tinha as características necessárias, naquele momento, para fazer a Universidade tornar-se um espaço de referência em Arcos. Foram muitas lutas, muitos embates. Apesar de a Secretária Municipal da Educação e algumas professoras fazerem muitas críticas ao ECA, ela me convidou para proferir a palestra inicial de um grande Seminário na cidade, um evento importante de formação. Nele, eu passei o filme “Estatuto do futuro”, com a Zezé Polessa. Estavam presentes umas trezentas pessoas; deu uma

³ Esse vídeo, “Programa Universidade Solidária: atividades de janeiro - 1996” encontra-se na biblioteca da Pró-reitoria de Extensão da PUC Minas.

sacudida naquelas mais resistentes. Então, fui fazendo alianças com a promotora da cidade, o vice-prefeito, os funcionários da PUC, e tudo isso ajudou a criar o Conselho Municipal da Criança e do Adolescente e o Conselho Tutelar.

Fizemos o primeiro “Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão”. Com o auxílio de duas alunas, várias ações de mobilização foram feitas nos *campi* / unidades. Outra coisa interessante é que minha sala, a sala da Extensão, não tinha porta, ou seja, ficava aberta todo o tempo. Eu dizia: “Aqui entra e sai e acontece”. Fiz o primeiro “Domingo na PUC”, foi o maior sucesso! O povo entrava e falava assim: “Primeira vez que eu passo nesses arcos”⁴.

Assim, fui estudando sobre a Extensão Universitária, ao mesmo tempo em que era gestora. Nesse período, a professora Vera Victor era Pró-reitora de Extensão e me convidava para tudo. E com o auxílio do professor Wanderley, eu participava de todos os eventos de Extensão possíveis. Nesse período, o MEC começou a exigir que as Universidades falassem mais claramente sobre a Extensão em seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI). Um dia, com auxílio de outras pessoas, elaboramos 50 perguntas que nortearam a Política de Extensão Universitária. Nessa época, fui eleita para participar do Programa Permanente de Avaliação Institucional (PROPAV), que avaliava os projetos pedagógicos dos cursos (PPC). E aí nós começamos a brigar para que a Extensão fizesse parte dos projetos pedagógicos.

Quando retornei para Belo Horizonte, em 2007, assumi a Assessoria Acadêmica da PROEX, a convite da então pró-reitora, Vera Victor, e trouxe comigo muita gente da PUC Arcos. Eu havia ficado por quatro anos lá, e, junto com os demais gestores, como o professor Wanderley, foi grande a aprendizagem.

CONECTE-SE! - Um grande momento da sua trajetória na PROEX PUC Minas foi a participação efetiva na criação do ICA (Instituto da Criança e do Adolescente). Como foi esse processo?

RITA LEAL - O ICA nasceu com o pessoal do curso de Ciências Sociais, com a participação da professora Wilma, do Direito. O ECA foi aprovado em 1990 e precisava ser colocado em prática e criar os conselhos. A Mabel Cordini, que era consultora da UNESCO e da Organização

⁴ Referindo-se à fachada do *campus* da cidade de Arcos.

Internacional do Trabalho (OIT), pediu para a PUC fazer um seminário sobre o trabalho dos conselhos, os direitos das crianças e dos adolescentes, e as questões do trabalho infantil. Então começamos a nos reunir, estudar e debater, cerca de 30 pessoas. Com o passar do tempo, as pessoas foram saindo. O trabalho não pertencia a nenhum departamento, foi então que o professor Bonifácio, Pró-reitor de Extensão da época, e a professora Maria Cristina Seixas Vilani, coordenadora do Curso de Ciências Sociais, sugeriram alocar o trabalho na Extensão. Assim, formou-se a primeira equipe do ICA com as professoras: Maria Elizabeth Marques (Beth Marques), Rita Fazzi e eu, do Serviço Social; a Maria Ignez (Pitucha), da Psicologia; a Márcia Stengel, das Ciências Sociais, e a Maria da Consolação (Sãozinha) da Extensão. Como coordenadora de estágio, abri campo para meus alunos dentro do ICA.

E, nesse tempo, nacionalmente a Extensão já tinha sofrido os efeitos da atuação da socióloga Ruth Cardoso (Universidade Solidária), a academia estudava sobre Extensão. Uma coisa puxa a outra. Então começamos, o ICA não era um espaço para a intervenção somente. Em 1999, fizemos um “Encontro Nacional de Universidades”⁵ com o tema: Políticas e Ações de Extensão Universitária para a Promoção dos Direitos da Infância e da Adolescência. Em 2000, saiu a Política Nacional de Extensão das Universidades Federais. A proposta do ICA desde o começo foi não só intervir, e sim produzir conhecimento. É a proposta da Extensão Universitária em que acreditávamos. Além de produzir um conhecimento, é preciso socializa-lo. Esse é o papel da Universidade além-muros. Foram várias pesquisas bancadas pela UNICEF, pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), muitos deles transformados em livros⁶.

O ICA fez uma grande pesquisa sobre meninos e meninas em situação de rua, fizemos um diagnóstico em cima das demandas sociais, propondo respostas. Os professores do ICA estudavam, traziam para os cursos novas metodologias, formulações. Todo esse trabalho resultou na elaboração do Estatuto que foi aprovado pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) concedendo assim ao ICA o reconhecimento de Instituto da Criança e Adolescente da PROEX.

CONNECTE-SE! Outra seara em que sempre a senhora se destacou foi a tentativa de consolidação da Extensão, por meio da curricularização das práticas e da normatização dos processos e modalidades da Extensão Universitária. Como avalia os resultados obtidos até

⁵ Como produção acadêmica do Encontro Nacional de Universidades: Políticas e Ações de Extensão Universitária para a Promoção dos Direitos da Infância e da Adolescência foram lançados um livro e um vídeo.

⁶ Várias dessas obras produzidas, a partir de projetos do ICA, têm, ainda, volumes disponíveis para doação na PROEX.

o presente momento? O que acha importante ainda como patamar que a PROEX precisa atingir?

RITA LEAL - Isso era um dos objetivos para ampliar a Extensão na Universidade, já que, via projetos, conseguimos pouco, porque faltaram recursos materiais – humanos, nem tanto. Acho que, às vezes, faltou sensibilidade também das pessoas que participavam. A Extensão tem disso; tinha época em que as pessoas se juntavam, acreditando nas mesmas coisas. Quando fomos fazer a política, para poder realmente dar à Extensão o lugar dela, o *status* acadêmico que ela precisa, para que ficasse no mesmo nível da pesquisa e do ensino, houve aspectos bons e ruins, porque muitos se aproximaram por interesses particulares, e não por sensibilidade ou por querer conhecer a Extensão. Mas houve quem não conhecia e passou a gostar, virou um batalhador, um extensionista, e se tornou um militante. A Extensão Universitária é apaixonante, mas estamos na academia, dessa forma a razão deve andar junto; mas também tem hora que a paixão vai estar por cima, sim.

Introduzir as Práticas Curriculares de Extensão amplia o conhecimento. Por outro lado, corre-se o risco de a própria Universidade ter uma visão mais mercantilista e economicista: “Vamos fazer extensão na sala de aula, não precisa mais fazer projeto”. É preciso ter bastante cuidado com isso, fazer análise constante. A Prática Curricular, em minha opinião, deve servir para estimular o aluno e o professor a quererem fazer a Extensão mais arrojada, mais avançada e não pararem por aí. Claro que não vai conseguir isso com todos.

Algumas perguntas precisam ser feitas: a) O que estão fazendo com as Práticas Curriculares de Extensão? b) O que se produz a partir da participação do aluno nas práticas? c) Houve alguma produção acadêmica dessas experiências? d) Quais são as singularidades que essas Práticas trazem? e) O que isso trouxe para o aluno? f) Isso serviu para a vida dele?

Ao ter essa coragem, essa audácia de implantar as Práticas Curriculares de Extensão, na perspectiva da ampliação do conhecimento, torna-se necessário fazer constantes diagnósticos e pesquisas para reformular e melhorar o que for necessário, para que as práticas não morram e apresentem os resultados esperados em termos de Extensão Universitária.

CONECTE-SE! - **Depois de tão longa trajetória na Extensão, como a senhora definiria esse eixo de atuação da Universidade – Extensão Universitária?**

RITA LEAL - Resgatando a fala do professor Jorge Amilton, do FOREXT⁷, que eu também não sei se foi só ele: “Extensão tem que ser qualificada, adjetivada. Por isso que eu falo ‘Extensão Universitária’. É o tempero ético que dá sabor a vida ao ensino e à pesquisa”. E como Adélia Prado fala, “aquilo que a memória amou fica eterno”.

É virtude da Extensão Universitária fazer com que os alunos mergulhem na realidade, com que o aluno saia do seu mundinho. E não apenas o aluno, mas o professor também. A Extensão é apaixonante, tem que ter paixão e ousadia junto ao sonho. Porque fazer Extensão é mais difícil! Mais difícil do que dar aula, na sala de aula é você e seus alunos. Já na Extensão, é o mundo aí fora e as consequências são mais presentes. Há todo um olhar de fora que recebe você e o seu olhar, o olhar do aluno. A partir da Extensão Universitária, criam-se pessoas mais sensíveis, um ouvido e um olhar mais atento para as questões. A Extensão traz o problema e você trabalha nele para dar uma resposta. Não significa que dá certo sempre, às vezes também a resposta que você dá com a Academia não é aquela que o povo quer, mas nem tudo que o povo quer tem que ser daquela forma. A Academia também não é subserviente, subalterna em relação ao povo. Não pode ser, senão isso é um populismo barato. A Extensão Universitária não é atender a demanda de ‘Dona Maria’ que chega lá correndo, às vezes sim, às vezes a gente faz isso, dependendo de onde se está. Mas acima de tudo, fazer Extensão é produzir conhecimento e socializá-lo de várias formas.

CONECTE-SE! - A senhora é reconhecida na PUC Minas como uma pessoa bastante aguerrida, que se empenha ao máximo por alcançar os objetivos e metas estabelecidos. Houve algum momento em que, diante dos inúmeros obstáculos, desistiu de algum projeto ou objetivo? Em caso afirmativo, comente.

RITA LEAL - Não, Não, não! Eu nunca desisti! Nunca falei: “Vou desistir!” Com o tempo, um pouco mais de maturidade e sabedoria, entendi que precisava recuar. Eu fiquei três gestões (1997-1999) na Associação dos Docentes da PUC Minas (ADPUC) e aprendi muito. Eu fui convidada pelo colegiado do curso de Serviço Social para entrar na ADPUC e lá foi uma escola para mim. Eu costumo me associar a pessoas com os mesmos princípios, mesmas convicções, não é ser igual! Muito pelo contrário, as pessoas com as quais convivi, às vezes, são pessoas mansas de jeito de ser, mas são aguerridas de outra forma. Elas têm uma firmeza, um caráter, então é possível trabalhar junto. Dessa forma, aprendi a reinventar, reposicionar e recolocar. Agora, politicamente falando, é

⁷ Fórum Nacional de Extensão e Ação Comunitária das Universidades e IES Comunitárias.

claro que a gente vai amadurecendo, então tem hora que eu sei que tem que recuar para depois avançar.

CONECTE-SE! - Como a senhora enxerga a realidade do nosso país, atualmente? Qual é, na sua visão, o maior desafio da Extensão Universitária nesse cenário?

RITA LEAL - Não vejo com os olhos muito satisfeitos, estamos vivendo uma cleptocracia, cortaram o dinheiro que deveria ser revertido para a educação. A Extensão estava em um processo avançado e agora houve um retrocesso, não se ouve falar do PROEXT⁸, pelo menos eu não ouço. Faz um ano e meio que me afastei da PROEX, mas acompanho. Parece que PROEXT, se ele não morreu, está deitado em berço esplêndido esperando luta. A cada dia, o cenário fica mais catastrófico para a educação. As pessoas que estão no poder não se preocupam em melhorar socialmente e economicamente a vida do país. A desigualdade, a pobreza e as dificuldades só aumentam.

Há poucos dias, li uma entrevista do Reitor da USP que vê com muita preocupação a própria USP em relação ao mundo. A Universidade brasileira está caduca, sem perspectiva, e ele faz uma autocrítica. E isso é preocupante, pois a USP é considerada a melhor Universidade do país, mesmo que não tenha uma Extensão forte. E o presidente Temer anunciou o corte no setor de bolsas para os professores. Essas bolsas é que permitem aos docentes fazerem pesquisa e extensão. Não vejo com bons olhos, mas sou uma otimista incorrigível. É preciso protestar, indignarmo-nos contra esse Estado de coisas, e a Extensão é um bom espaço da indignação, da militância. Um espaço da interdisciplinaridade, dos múltiplos saberes, dos encontros, mas existe uma apatia generalizada. Pelo que eu tenho lido das Universidades do Futuro, em algumas entrevistas, é preciso dar uma sacudida na Universidade Brasileira.

O resgate e a garantia dos valores locais, da cidadania, da cultura e da diferença são um dos papéis da Extensão Universitária. Com isso, lutamos contra a cultura que é imposta. Precisamos repensar e resgatar a força da Extensão Universitária, aliada ao Ensino e a Pesquisa, nessa produção de conhecimento, novo, diferenciado, respeitando / resgatando valores e princípios.

⁸ O PROEXT é um programa do Governo Federal, criado em 2003, com a finalidade de apoiar financeiramente IES no desenvolvimento de Programas/Projetos de Extensão Universitária, alinhados às políticas públicas em esfera local, regional ou nacional.

CONECTE-SE! - De que forma a Extensão é constitutiva da pessoa que é a "Rita Leal" - cidadã, professora, mãe, esposa, etc.?

RITA LEAL - Foram muitos ganhos, eu me confundo com a Extensão Universitária! Agradeço muito essa oportunidade que tive na PUC Minas. Mesmo entre afagos e puxões de orelha, as dificuldades, as compreensões e incompreensões, a gente conseguiu. Eu consegui ser uma pessoa melhor em todos os sentidos. Um princípio que prezo muito é a coerência. Eu pude exercitar esse princípio na Extensão Universitária. O senso de justiça sempre me incomodou, me fez parar, pensar e agir nessa premissa. Não só no trabalho, mas em casa e na vida.

A Extensão foi uma parte importante, me deu chance de praticar, de exercitar as minhas convicções, os meus princípios, de uma forma mais leve, mais solta. Leve que eu falo não é sem briga, o espaço anárquico, que eu gosto. A PUC me oportunizou realizar os meus sonhos profissionais. A Extensão foi um oásis dentro da Universidade, que eu ajudei a construir. Com ela eu pude voar mais, sem falsa modéstia, eu dei aula de Extensão, Extensão Universitária.